

Lisboa, 27 de julho de 2021.

## **Sessão Envelhecimento e Feminismos – Participação da Audiência**

Transcrição:

### **1) Guida Vieira**

Eu tenho uma mobilidade, uma genica um bocado natural e apresento-me como uma mulher que parece que tem menos idade. Então, é natural que os homens me abordem como se eu tivesse 60 anos. Para eles, quando me vêm abordar é como se eu tivesse 60 anos. Eu delicio-me a ver depois a cara que eles ficam quando eu digo que tenho 71, por exemplo. É uma maravilha, eles ficam completamente mudos. E., depois, os mais inteligentes que já têm a resposta decorada dizem: “a idade não é problema. A idade é uma questão de mentalidade!”. Portanto, esses são aqueles, que já decoraram a frase para dizer acerca da idade.

Nós somos muito discriminadas pela idade. Não tenhamos nenhuma dúvida sobre isso. E também somos discriminadas se nos apresentarmos, por exemplo, e é aqui que eu também estou a fazer alguma provocação, se nos apresentarmos com algum decote maiorzinho nas fotografias que até se coloca no *facebook*, e que até aparece um bocadinho, assim do rego dos seios, ou que apareça a gente na praia com um cai-cai com os ombros de fora. Mas nós mulheres com estas idades temos o direito de ter a tudo isso, a tudo isso com naturalidade. Desde que nós queiramos e nos sentimos bem com isso.

Muitas vezes, é preciso também, que a gente assuma que temos rugas e que temos flacidez, já não somos as jovens de 20 e nem de 30, nem de 40 anos! Eu ainda chamo ‘pequena’ à minha filha que tem 41 anos, eu chamo-lhe pequena. Portanto, hoje, a questão dos termos e da idade já não é igual ao que era há uns anos atrás. E tudo isso, para dizer que a gente também tem que provocar um pouco e tem que se assumir.

Nós temos flacidez, nós temos rugas, mas somos mulheres. Queremos ter direito ao prazer, queremos ter direito ao espaço

público E temos que ter o respeito das pessoas para conosco assim como nós somos.

Eu há 1 ano, não pensava assim ,há 1 ano atrás. Por acaso, a pandemia tem me ensinando muitas coisas, do ponto de vista da reflexão e também a dar-me muito tempo para estar só, e isto como eu não gosto de estar só, a não fazer nada, a minha cabeça não pára, eu tenho sempre que tentar pensar algumas coisas. e acho que esta questão da idade, do direito ao prazer, do direito de nos assumirmos como somos, nos mostrarmos como somos, é um direito nosso.

Ninguém nos pode tirar este direito e não devemos ter vergonha de nos assumirmos. Porque às vezes, eu acho, ah...é uma questão de recato: uma senhora de 71 anos agora vai para praia, não está a ver que o seio está um bocadinho mais descaído e tal. Não! se eu estou bem assim, eu vou assim e apresento-me assim.

Portanto, é uma questão, - eu é que decido do meu corpo. Não é só a questão: 'a mulher que decide do seu corpo', também é na idade. Também é na idade que a mulher assume o seu corpo e deve assumir o seu corpo, e ser dona do seu corpo. Eu acho que esta é uma questão importante para nós nos afirmarmos e não nos sentirmos como que a partir dos 65 somos idosas. Já não temos direito a isto, não temos direito aquilo, não temos direitos. Não! Nós temos todos os direitos que tínhamos. Ninguém nos vai colocar uma parede quando a gente faz a idade que foi considerada, que nos colocaram como idosas em termos legais.

Eu, ultimamente, tenho andado a pensar muito nestas coisas e faço alguma provocação de propósito acerca disto, porque e também acho que nós temos que nos assumirmos e dizermos: "nós estamos aqui, estamos aqui e ainda existimos, pensamos, fazemos coisas".

Eu estou agora a escrever um livro diferente de todos os outros que já escrevi até agora ,que foram sobre memórias. Estou a escrever um agora que vai ser mais engraçado. é diferente É também estou - me a deliciar com isso, porque também estou ouvindo episódios de vida de homens, alguns até jovens. Está a ser interessante, é um livro que vai ter alguma dinâmica interessante para ocupar o tempo,

mas não só, para ouvir. Aqui alguém disse, ao invés de nós..., eu acho que foi a Liliana, estou pouco habituada a ouvir a Liliana ainda, mas acho que foi a Liliana que disse uma frase que foi: “nós temos que ir ao encontro das pessoas”, “pôr as pessoas a falar”, isto é, não pensarmos só sobre elas, como superiores, como pessoas pensantes. Também é importante! também a pesquisa eu sei que é muito importante. Mas chamar as pessoas e ouvir as pessoas é uma delícia. Eu sou, como é que se diz, eu tenho uma atração fatal para ouvir as histórias das pessoas. Eu adoro ouvir as pessoas, adoro mesmo, mesmo. Não só porque tive uma vida toda a fazer isto, foi o meu trabalho sindical, que tive durante 26 anos, a tempo inteiro e, portanto, passava a vida a ouvir as pessoas e isso criou em mim, esta vontade. E quando eu estou muito tempo sem ouvir as pessoas, faz-me mal. Porque preciso: de as ouvir, de falar, de sentir. Porque ouvindo a gente sente e a gente até, às vezes, muda algumas opiniões que temos ou aprofunda as opiniões que temos. Portanto, esta questão é muito importante.

Outra questão que queria abordar é a questão das mais velhas e das mais novas. Aqui na Madeira, a UMAR tem tido experiências positivas e negativas em relação a isso. Há companheiras mais novas que tem e podem ter alguns complexos em relação as mais velhas, porque as mais velhas tem história e são conhecidas, e são um peso muito grande para quem começa agora. E as mais velhas, às vezes, precisam, as mais velhas como eu, de e retirar mais, ficar mais na retaguarda para criar espaço para as mais novas se afirmarem, porque isso também é necessário. Isto é a sobrevivência da organização. Porque nós estamos a envelhecer e vamos morrer. E nosso futuro é muito mais curto como é lógico. Essa é a lei da vida, nós não podemos mudá-la.

No entanto, há também companheiras mais velhas que têm problemas com as mais novas. Nós tivemos aqui problemas sérios com a companheira que não encarou da forma mais correta à entrada de gente mais nova e que criou alguns conflitos. Portanto, não podemos dizer que aqui há purismos. Nem das mais velhas para as mais novas e nem das mais novas para as mais velhas. Há problemas que têm que ir sendo resolvidos da maneira mais correta

com muita inteligência. Eu sou um pouco como a Manuela também até agora, eu sou mais conciliadora como é lógico, que isto é preciso, às vezes, gerir conflitos, ter isso em conta. Mas não é fácil para as mais velhas, sobretudo para mim; inclusive eu tive uma altura com algum sofrimento mesmo, pessoal, sofrimento mesmo porque estava muito preocupada com este problema e não via maneira de o resolver da forma mais específica possível. Depois, a vida encarregou-se enfim de nos resolver parte do problema e as coisas hoje estão muito bem. Temos um núcleo com mulheres mais novas, muito boas mesmo e não temos, neste momento, qualquer problema de geração. Agora, mas isto vai ser preciso alargar-se e os problemas poderão ressurgir outra vez.

Eu já termino, eu falo bastante e aproveito quando estou aqui com vocês (risos). Quem me conhece já sabe que tenho este defeito de falar muito, mas eu já acabo. E dado o recurso teórico de saberes, eu gostava que isto fosse verdade; ficava por aqui. Gostava muito.